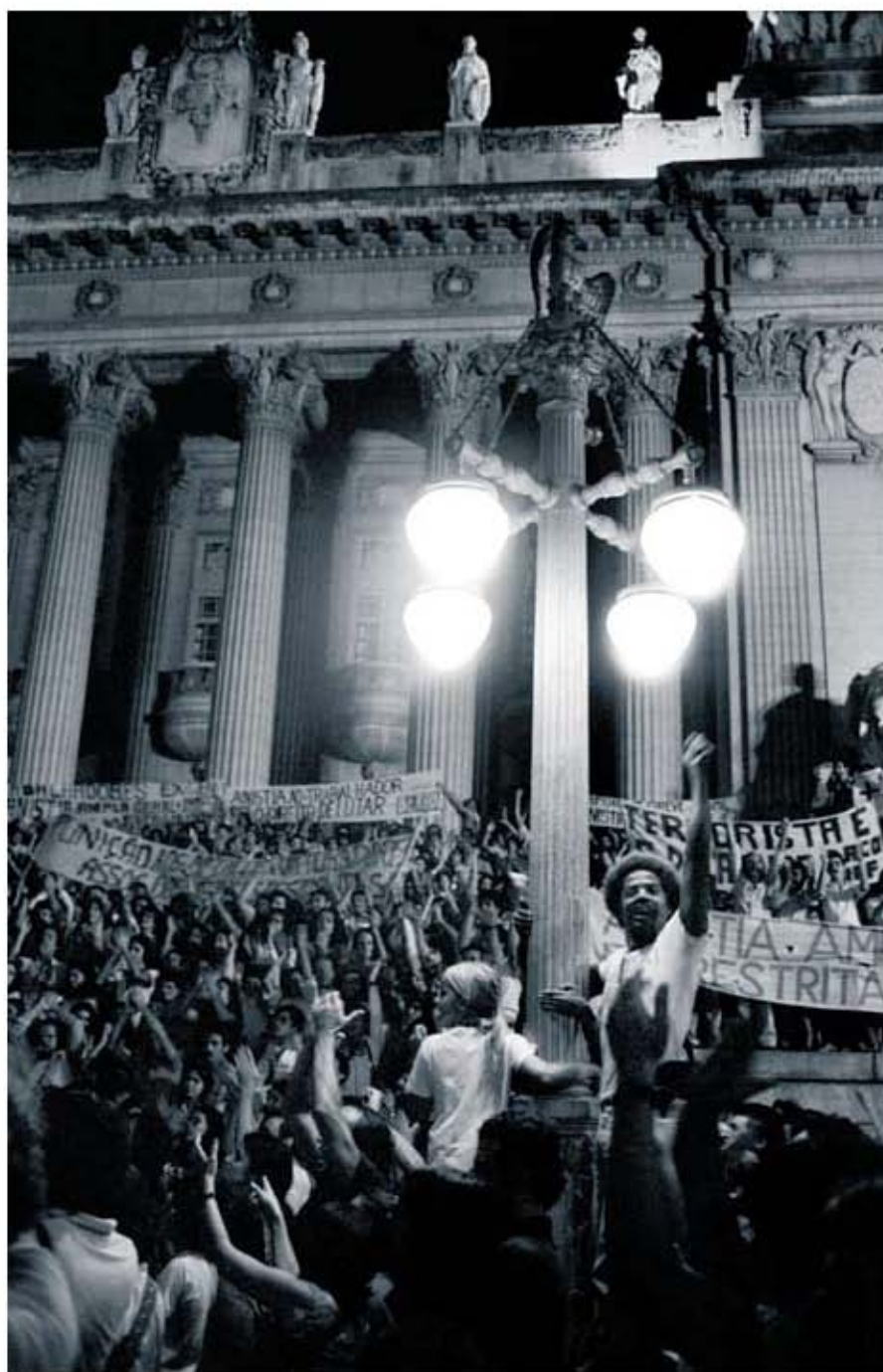


# CINEMA FALADO E FOTOGRAFIA MUDA

POR EDGAR MOURA

O cinema passou de mudo a falado. De 2D a 3D. A fotografia, não. Foi e vai continuar sendo muda. A razão é definitiva: não existe um "som instantâneo" como o instantâneo da fotografia. É verdade, mas, mesmo assim, vendo estas fotos, pode-se ouvir o "som das ruas". Nas legendas está o que o fotógrafo ouviu na hora em que as fez. São fotos dos "anos de chumbo" feitas com filme de prata. Fotos feitas nos anos 1960, 70 e 80, quando o diretor de fotografia Edgar Moura era fotógrafo do jornal Última Hora e, depois, da agência Gamma.



"Anistia ampla, geral e irrestrita! Anistia ampla, geral e irrestrita!"

*"Los muchachos peronistas / todos unidos triunfamos / e como siempre clamamos / un grito de corazón / Perón, Perón!"*







"Brazil, Brazil, Brazil..."

"Foi bonita a festa, Pa..."





## O SOM E A FÚRIA

*Lacrimosa, O tigre e a gazela e Porto de Santos*

**Em diversas ocasiões,** Aloysio Raulino definiu a câmera como uma extensão de seu próprio corpo. Três curtas-metragens dirigidos e fotografados por Raulino nos anos 1970 e restaurados em 2009 pela Cinemateca Brasileira – *Lacrimosa, O tigre e a gazela* e *Porto de Santos* – confirmam essa íntima relação do cineasta com a fotografia: são ensaios audiovisuais que arrebatam o espectador pela força das imagens. Mas o intuito aqui não é falar desses três curtas a partir da fotografia, e sim de um outro elemento com o qual Raulino também soube lidar de forma admirável: o som e seus múltiplos significados políticos.

*Lacrimosa* (correalizado com Luna Alkalay, 1970) é certamente aquele que traduz com maior dramaticidade o clima de asfixia imposto pela ditadura. Compõe-se de um longo *travelling* de carro pela Marginal Tietê, então recém-aberta, e de vários planos tomados em uma favela, na periferia de São Paulo. O clima chuvoso torna a paisagem ainda mais desoladora. Na favela, crianças circulam pelo lixo; um morador canta algo para a câmera, em *close*. Mas não ouvimos a sua voz. Assim como não ouvimos nenhum som proveniente da favela ou da rodovia. A pista sonora é uma longa faixa de silêncio, quebrada aqui e ali por excertos musicais – entre eles, uma canção latina e o *Réquiem* de Mozart, especialmente o trecho “*Lacrimosa*”, usado em dois breves momentos que não ocupam mais do que 30 segundos. O silêncio é soberano – mas desafiado ao final pela canção chilena *Paloma pueblo*, de Ángel Parra: “*Han muerto tantas palomas/de mil formas y colores/pero a la paloma pueblo/no hay muerte que la aprisione.*”

Já nesse filme, portanto, insinua-se a importância da canção popular – embora cantada em outra língua – como forma de resistir e desobedecer. Seis anos depois, em *O tigre e a gazela* (1976), essa estratégia será aprofundada. Na faixa sonora, ainda persistem os momentos de longo



*Aloysio Raulino*



*Lacrimosa*